

(*) Felipe Berocan Veiga é Doutorando e Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF), professor do Instituto de Humanidades da Universidade Candido Mendes (IH-UCAM) e pesquisador do Laboratório de Etnografia Metropolitana (LeMetro/IFCS-UFRJ).
E-mail:fbveiga@yahoo.com

Felipe Berocan Veiga*

“Profetamento dos Bichos”:

visões e reminiscências de viagens em busca do sertão de Goiás**

RESUMO: O trabalho lança reflexões sobre os rumos de uma pesquisa, realizada há exatos 10 anos nas regiões nordeste e sudeste de Goiás. Inicialmente jornalística e fotográfica, pautada por representações romantizadas do “cotidiano do homem do sertão goiano” que não se concretizavam durante as viagens, a experiência do trabalho de campo foi nos distanciando, gradualmente, tanto da busca pela imagem idealizada quanto do interesse marcadamente factual dos jornalistas, resultando na descoberta do olhar etnográfico e das formas antropológicas de se pensar e fazer ciência. Ao tentar compreender o universo simbólico de um agricultor goiano, suas interrogações existenciais e seus modos de representar a natureza em profusão, nos deparamos com as propriedades fantásticas e poéticas daquilo que Neco Mendonça, nosso solitário interlocutor, chamou de “profetamento dos bichos”, em que os seres vivos anunciam o mundo, o tempo e suas transformações. Somente agora, após o longo caminho percorrido, o tema é revisto e analisado, na relação dialógica entre natureza e cultura que alimenta a idéia de “sertão”, situado sempre além. A própria conversão do pesquisador, inicialmente motivado pela busca às suas origens culturais, torna-se também aqui objeto de (auto) reflexão.

Palavras-chave:
profetamento dos bichos, natureza e cultura, sertão.

“Evém a perseguição:
O bichinho anônimo que espia, presente”.
(Cora Coralina)

O fim do começo

“O fim do começo tem que ser assim/ O que tem começo, tem que ter um fim”, sentencia a moda-de-violão *Começo do Fim*, composta por Moacir e Lourival dos Santos e gravada por Mineiro & Manduzinho na série *Música Popular do Centro-Oeste/Sudeste*, uma referência para apreciadores e estudiosos da música caipira.¹ Com um encadeamento muito particular à lógica sertaneja, a música

** Este artigo é dedicado, *in memoriam*, aos amigos **Paulo Bertran**, grande historiador goiano e incentivador do projeto original, que, com sapiência e elegância, despertou ainda mais meu interesse pelo Planalto Central e sua gente; e **Luis Alberto Carvalho**, o “Crioulo”, que nos apresentou a seu Neco Mendonça em Ipameri. Luis era

nosso anfitrião, pai do grande amigo e colega André Carvalho, com quem compartilhei as inquietações iniciais e as aventuras em busca das imagens, personagens e histórias do “sertão de Goiás”. Gostaria de agradecer aos meus queridos André Luis Carvalho, Gisele Maeda, Gabriela Goulart e Mariana Baltar, companheiros de viagem e de experiências por esse Goiás afora; aos professores Marco Antonio da Silva Mello e Arno Vogel, pelas sugestões bibliográficas e pelo diálogo frutífero sobre o tema; e às professoras Custódia Selma Sena e Mireya Suarez, pela oportunidade de integrar o GT 50 *Sertão: sentidos e ressentidos*, na 25^a. Reunião Brasileira de Antropologia, e pelo convite para a publicação deste artigo.

¹ Cf. NEPOMUCENO, 1999:189-190. A moda-de-violão está no volume 4 da série, lançada pela Discos Marcus Pereira em 1974 (MPA 9324).

² ROMERO, 1979:195.

³ BURKE, 2004:171-172.

⁴ Projeto orientado pelos Profs. Maria Luiza Dainesi e Milton Guran (FAC-UnB/ CNPq, 1997).

⁵ VEIGA, CARVALHO *et al.*, 1997:3.

traz um elenco de situações no qual o fim de alguma coisa anuncia o início de outra: “Lá no fim do sul é o começo do norte/ No fim da colheita começa o transporte/ O fim da boiada começa no corte/ O fim do azar é o começo da sorte”.

Ao buscar inspiração nessa moda antiga, este artigo evoca um retorno ao início da experiência etnográfica e pretende refletir sobre os rumos de uma pesquisa realizada ainda na Graduação, nas regiões nordeste e sudeste de Goiás. Somente dez anos depois, com a realização da 25^a. Reunião Brasileira de Antropologia em Goiânia, em 2006, encontrei, na conjugação das circunstâncias, inspirações e motivos para analisar a trajetória vivida e os temas abordados por seu Neco, personagem fundamental dessa história, ameaçada de cair no sem-fim das lembranças longínquas, começo do esquecimento.

Em setembro de 1996, André Carvalho e eu começamos a discutir sobre um projeto experimental de conclusão de curso. Alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, queríamos produzir algo que, valorizando a riqueza cultural do Brasil rural, confrontasse o estereótipo negativo do *caipira*, o *Jeca Tatu* de Monteiro Lobato e outras tantas expressões do “antagonismo secular” entre o campo e a cidade, como escreveu Silvio Romero, ao descrever a visão pejorativa que recai sobre o “povo da roça”.²

André vinha de Ipameri, uma cidade de aproximadamente 23.000 habitantes no sudeste de Goiás, para estudar em Brasília, enquanto eu vinha do Rio de Janeiro, onde morei por muitos anos e retornei após a Graduação. Nasci em Goiânia e, apesar das vivências diferenciadas, ambos éramos identificados ao grupo dos “goianos” da Faculdade. A visão do caipira como o “camponês grotesco”³ era comum entre nossos colegas de curso, jovens de classe média da capital modernista. Resolvemos então valorizar a identidade goiana em fotografias e vivências compartilhadas em campo.

Duas outras colegas, Gisele Maeda e Gabriela Goulart, se juntaram a nós, com o interesse de sair regularmente de Brasília e viajar para o interior de Goiás, seguindo em diferentes direções. A idéia era ir descobrindo temas, pessoas e lugares que fossem interessantes e pudessem ser registrados ao longo das nossas viagens. A intenção era produzir, como resultado de pesquisa, uma apresentação audiovisual, projetando imagens sincronizadas ao som da música caipira, revelando nossas descobertas e aventuras. Esse projeto foi também apresentado como iniciação científica na UnB, financiado pelo CNPq.⁴

Nosso objetivo principal de documentar em imagens o que chamávamos, na época, de busca das “origens (...) do homem goiano e de sua goianidade”,⁵ motivado por nossa primeira visão – positiva, mas bastante romantizada –

sobre o mundo rural. No entanto, nossas representações lidas e imaginadas do “cotidiano do homem do sertão goiano” que pretendíamos fotografar, com suas “conversas em banco de praça, famílias na varanda, *pamonhadas*”, imagens mentais freqüentes à época, não se concretizavam durante as nossas viagens. As fotografias de viagem, portanto, não retratavam nossa imaginação idílica, nem poderiam espelhar nossas projeções ainda imaturas, no confronto entre nossas representações e a realidade visível.

Primeiramente, meus amigos ficaram bastante decepcionados com Cavalcante, cidade do século XVIII que perdeu todos suas construções históricas do “tempo do ouro”, com seus vestígios do tempo definitivamente apagados da paisagem urbana. Um lugarejo antigo sem antigüidades, todas levadas de caminhão para São Paulo, segundo contavam seus moradores, com a demolição da igreja, do casario antigo, da câmara e da cadeia na década de 1980. Restavam somente os *bobos* da cidade quase como testemunhas de um tempo perdido ou – à maneira de Mercês, que dizia não ser *boba*, mas *encantada* – como porta-vozes da crítica social aos “poderosos” que lhe roubaram tudo que ela tinha e deixaram a cidade se acabar.⁶

Na viagem seguinte, como parte de nossa busca pelas “raízes do povo goiano”, fomos à região dos *Kalunga*, comunidade remanescente de quilombos existente nesse município do nordeste de Goiás, considerada a maior do Brasil, tanto em área quanto em população.⁷ Procurávamos o que, em nossa idealização, ainda conservasse um estilo de vida antigo, puro, preservado das rápidas mudanças vividas no interior. Entretanto, não conseguimos atravessar a região do Funil e subir o rio Paranã até o Vão de Almas. De certo modo, a idéia de “sertão”, situado sempre além, impediu que o grupo percebesse que, embora não conseguisse avançar, estivesse, efetivamente, em uma casa *Kalunga*, habitada por seu Leonídio e sua numerosa família. Ao invés de comemorarmos o feito, nos queixamos do fracasso, o que pude verificar depois ser uma construção negativa da viagem, influenciada por uma geografia idealizada, pois quando mais se avançava, mais o lugar ia ficando longe.

Assim, diante do “*anthropological blues*”,⁸ ora produzido pela miragem do sertão distante, ora pelo cenário colonial perdido, decidimos mudar radicalmente de rumo. Em busca da sorte e do objeto que nos escapava, em vez do norte, seguimos para o sul; e também do mais exótico para o mais familiar, pois dessa vez seguimos para as cidades de nossa origem. Onde poderíamos encontrar o sertão, esse “amálgama de imagens, experiências e sentimentos”, como define Selma Sena,⁹ se aparentemente ele estava cada vez mais distante de nós?

⁶ Embora personagens como Mercês e Dominuim representassem para mim um excelente tema para documentação, os *bobos* se situavam no avesso do romantismo do grupo, se contrapondo radicalmente às suas representações sobre Goiás. Por isso, suas imagens e narrativas praticamente não foram incluídas nos resultados finais do projeto.

⁷ Segundo dados oficiais da Fundação Cultural Palmares (2004), vivem aproximadamente 4.000 pessoas na comunidade Kalunga, em área de 253.191 hectares situada nos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás.

⁸ DAMATTA, 1978:27-30.

Fomos para Ipameri, terra do meu colega, cidade orgulhosa pelos trilhos do trem da primeira estrada de ferro que atravessou o sertão de Goiás, trazendo, no princípio do século passado, os vagões repletos de novidades, de “otimismo” e “progresso”.¹⁰ No caminho, estivemos na cidade onde nasceu minha avó materna. Situada à beira dos trilhos, Vianópolis também já foi *ponta de linha* e preserva sua estação de trem como riqueza cultural, lembrança saudosa do movimento contínuo na praça e no comércio. Essas viagens nos fizeram buscar valores igualmente nas narrativas familiares e nas lembranças ouvidas, um mundo desconhecido por minhas vivências até então restritas ao meio urbano e ao litoral.

Embora estudantes de Comunicação, a experiência do trabalho de campo fez com que nossas viagens fugissem por completo do interesse marcadamente factual dos jornalistas, pois o que registrávamos não constituía nenhuma notícia ou novidade. Ao invés disso, influenciados pela antropologia visual e pela literatura brasileira, estávamos visitando e registrando lugares e pessoas que não se atinham aos fatos, que evocavam o passado e não o presente, em suas formas de vida simples e distintas. Como a de Etevaldo Rocha, o *seu Té*, fabricante de selas artesanais em Vianópolis, a quem passamos a visitar regularmente e a fotografar seu ofício, buscando compreender os detalhes de seu processo. Pouco a pouco, fomos conhecendo lugares e desvendando outras temporalidades, tempos maleáveis, irrestritos e descontínuos.

Fascinados pela fotografia como forma de descobrir,¹¹ como linguagem estética e modo particular de aprisionar o tempo, somente após algumas viagens, com o distanciamento da busca pela imagem idealizada, pudemos finalmente vivenciar experiências e descobertas que me aproximaram do olhar etnográfico. Pois “uma experiência é algo de mais pessoal, e se refere a um eu ativo, a um ser humano que não só se engaja, mas que dá forma à ação”.¹² Paralelamente, passei a realizar pesquisa bibliográfica sobre a história de Goiás, a literatura dos viajantes, os costumes, a economia e as formas de trabalho tradicional. Assim, revendo nossas limitações, entre erros, correções e acertos, entre acasos e escolhas, percebi que estávamos seguindo, mais intuitivos do que conscientes, a trilha de Marcel Granet, para quem “o método é o caminho, *depois* de o termos percorrido”.¹³

Com a sensibilidade aguçada, finalmente, para além das representações bucólicas, passamos a compreender que o sertão ideal que procurávamos estava “na metade do caminho entre a ficção e a realidade”.¹⁴ Desse modo, conforme define o historiador Victor Leonardi, “o sertão também nos remete (...) para a transição entre o conhecido e o desconhecido”.¹⁵

⁹ SENA, 2002:85.

¹⁰ CHAUL, 1997:158; FERREIRA, 2004:58-59.

¹¹ GURAN, 2002:98-106.

¹² BRUNER, 1986:5.

¹³ *Apud* MELLO & VOGEL, 2004:50.

¹⁴ LEONARDI, 1996:310.

¹⁵ *Id.*, *ibid.*:318.

Abertos a novos encontros e guiados, sem saber, pelo padrão de *serendiptidade*,¹⁶ pude descobrir no campo que, enquanto existem temas que o pesquisador escolhe, fruto de suas experiências acumuladas e conhecimentos adquiridos, há temas que escolhem o pesquisador, fruto do acaso e de suas descobertas. Lugar que sintetiza a transcendência, o sertão também me proporcionou, desse modo, uma transformação, abrindo caminhos para a descoberta da Antropologia como modo de pensar e fazer ciência, utilizando, fundamentalmente, a fotografia como ponto de partida.

O mundo de seu Neco

Em janeiro de 1997, levados pelo pai de André Carvalho em Ipameri, visitamos o agricultor Manoel Mendonça, conhecido como *seu Neco*, e seu universo fantástico, repleto de bichos e visagens, lembranças e interrogações, sonoridades e silêncios. Há décadas separado da mulher e vivendo longe dos filhos e netos, morava distante de tudo e de todos na Serrinha Sucuri Santo Antônio de Cima, a oeste da cidade, para os lados da divisa com o município vizinho de Caldas Novas. No precário caminho de terra, a estrada estreitava cada vez mais, até desaparecer na vegetação rasteira. Seguimos de caminhonete cerrado adentro pelo espigão da serra, para espanto das seriemas que corriam desordenadamente, sem se desviarem de nosso rumo.

Em volta da “tapera de adobe”, como se referia a sua casa, seu Neco criava galinhas, um gado curraleiro “bem pé-duro” e dois cavalos para suas idas eventuais à cidade. De quinze em quinze dias, saía para comprar sal, uma manta de toucinho e pilhas para o rádio, seu elo com o mundo além da serra. Plantava mandioca, arroz e milho e tinha ao redor de sua roça variedades de plantas do cerrado que consumia, como a mangaba, o pequi, a guariroba, o caju-do-cerrado, o bacupari, a lobeira e a mama-de-cadela. Da “saroba” em frente a sua casa, retirava outras tantas espécies de plantas para fazer seu próprio rapé, misturado a folhas de fumo picadas, e chás os mais variados, sua farmácia a céu aberto. Em suas formas de habitação, alimentação e terapêutica, era notável a semelhança de nosso anfitrião com os caipiras de etnografias clássicas do universo rural brasileiro, como *Os Parceiros do Rio Bonito*, de Antônio Candido.¹⁷

Em citação garimpada por Paulo Bertran na obra de Guimarães Rosa, uma frase de Riobaldo nos faz rever o tempo e seus espaços, presentes como nunca nessa viagem à casa de seu Neco: “O senhor vá ver em Goiás como cabe mundo dentro do mundo”.¹⁸ Segundo Bertran, notável eco-historiador do Planalto Central, “quanto mais o homem escapa e sobrepõe-se à natureza de si próprio e do ecossistema em que vive, mais condenado fica a reencontrar-se – a si e ao seu ambiente”.¹⁹

¹⁶ MERTON, 1968: 173-174.

¹⁷ CANDIDO, 2001: 68-72.

¹⁸ *Apud* BERTRAN, 1996:8.

¹⁹ BERTRAN, 1994: 15.

Tal reflexividade talvez seja a condição humana mais evocada pela própria idéia de sertão. Victor Leonardi, em seu livro *Entre Árvores e Esquecimentos: História social nos sertões do Brasil*, nos descreve o seguinte cenário: “Ritmo lento, conversa vagarosa, no sertão a natureza (a seca, a chuva, as enormes distâncias, a travessia dos rios, o sol escaldante nas chapadas) torna a percepção do tempo nada linear e faz dos viajantes solitários homens introspectivos”.²⁰

Logo em nosso primeiro encontro, seu Neco discorreu sobre as propriedades fantásticas da natureza em suas longas narrativas, cujo vocabulário fantástico e linguagem poética sofisticada provocavam nossa imaginação. Diante de sua oralidade em profusão, entrecortada por silêncios de igual importância que nos permitiam destilar os temas e significados, descobri o valor da narrativa para nossa pesquisa. Percebi que o foco não estava somente naquilo que se via, mas, sobretudo, naquilo que se ouvia – visões de mundo, categorias nativas, percepções, memórias e vivências. Assim decidimos não somente fotografar, mas também registrar nossas conversas em vídeo e em anotações de campo.

Nossas impressões de viagens registradas à época já apresentavam alguns sinais nítidos de mudança de perspectiva: “Podemos conhecer mais intimamente a vida do cerradeiro, já que passamos dias inteiros em sua companhia, tratando de assuntos com abordagem subjetiva e filosófica. (...) O fato de viver só parecia ser bastante natural e adequado para ele, quase como se fosse uma característica essencial e necessária à sua personalidade. Já incorporara tal condição. Seu Neco falava com autoridade e simplicidade sobre assuntos amplamente complexos e profundos. Dizia-se doutor dentro do sertão, seu domínio”.²¹

Após negociarmos nossa hospitalidade com antecedência, acampamos em sua propriedade por três dias. Nesse breve período, que nos pareceu uma eternidade, o universo simbólico de nosso interlocutor podia, por exemplo, ser dirigido a nós sob a forma de um jogo verbal de interrogações sobre família: “Depois do tataravô vem o quê? O bisavô. E depois do bisavô? O avô. E depois do avô? Vem o filho. E depois do filho? Vem o neto. E depois do neto? O bisneto. E depois do bisneto? O tataraneto. E depois do tataraneto?...” Depois de suas reticências, completava a patrilinhagem: “O *tiritarantonho!* E depois do *tiritarantonho?* O *taraneto*. E depois do *taraneto?*... Aí, acabou-se a descendência.” Assim, biblicamente, o sertanejo desfiava sua intrincada terminologia de parentesco, indicando oito gerações reconhecidas por ele, reportando sua descendência a, no mínimo, dois séculos de vínculo familiar, ou seja, ao “tempo do *antiguíssimo*”,²² à era dos ouros, bandeirantes e índios de Goiás.

²⁰ LEONARDI, 1996: 314.

²¹ VEIGA, CARVALHO *et al.*, 1997:25.

²² BERTRAN, 1994: 245-246. O autor registrou, ainda, a figura da *bisoravó*, mencionada pelo agricultor Henrique Moreira em Cocalzinho de Goiás. Em julho de 1998, tive o prazer de conhecer pessoalmente seu Henrique e sua mulher Isabel no pouso de Folia do Divino Espírito Santo que ofereceram em sua casa na Fazenda do Assombração, na companhia dos amigos Paulo Bertran, Rui Faquini, Liana Freifeld e Bismarque Villa Real.

Bichos e presságios

Num dia de chuva, seu Neco foi nos mostrar a forte tromba-d’água que descia da serra pelo rio próximo a sua casa, falando sobre a natureza atormentada das águas chuvosas e correntes. Daí, o assunto já se transformava em cenário para nos falar sobre a figura do *Nego-d’água*,²³ visagem maléfica dos rios que ele garante já ter encontrado pessoalmente por essas águas. Questionava o ceticismo arraigado da gente da cidade por nosso incontestável distanciamento e desconhecimento da natureza: “Vocês nunca viram porque nunca ficaram três, quatro horas sentado na beirada de um rio assim, cismando”.

Em pouco tempo, seu Neco emendava e, já fazendo graça, se convertia ele mesmo em *Nego-d’água*: “Eu queria que vocês subissem na cachoeira. Eu subo lá também, procês filmar e dizer ‘ó, esse aqui nós trouxe lá da África. *Negrinho-d’água* é pequeno, mas esse é grande, nós pegamos ele lá no Pará, lá no Tocantins!”.

Seu Neco falava dos mitos brasileiros como seres vivos em perigo, esboçando uma teoria de seu desaparecimento pela redução, cada vez maior, de seu espaço geográfico. O *Nego-d’água*, o *Saci*, a *Mula-sem-Cabeça* estariam todos apavorados, fugindo do “progresso” e da superpopulação, buscando refúgio nos últimos sertões onde ainda não chegou a luz elétrica, o asfalto, o trem de ferro, o desmatamento, a barragem e as plantações extensas. Nesse mundo em transformação radical, os seres míticos seriam facilmente vistos e aprisionados e perderiam seus encantos. Teriam, portanto, *status* idêntico ao dos animais em extinção em nossa sociedade, tornando-se cada vez mais raros, disputados e difíceis de se ver.

Foi então que ele nos perguntou: “Vocês conhecem o *profetamento* dos bichos?” Com a resposta negativa a essa pergunta estonteante, seu Neco passou a dissertar sobre os bichos e suas formas de *profetamento*: “O do sapo é assim, ele fica no seco, faz um bojinho no chão e fica lá, oito, dez dias. *Profetou* o tempo de chuva, ele sai daquele lugar, desce pro córrego, pro rebeirão, pro rego, ele procura um lugar de sombra, ele caça. Ele sai passeando, né? Ele passeia porque ele vê, o ar mudou, o ar da chuva e tal, então aí ele vai passeando. Agora, quando não quer chover, o sol quente, fazendo calor, ele caça uma sombrinha, cavuca um buraco no chão, espoja lá, lá ele fica, oito, dez dia. À noite, às vezes ele sai pra comer um besouro, uma coisa qualquer, e volta praquela bojo.”

“E a bicha *acouã*, que fala assim ‘cadê a muié-dama?’ – isso eu não posso falar agora! [rindo]. Então, ela sobre num pau seco, *profetamento* pra sol; ela cantou num pau verde, *profetamento* pra chuva. Então é assim.”

²³ Registrado anteriormente em Goiás por TEIXEIRA, 1979:204-206.

“E o urutau – Fô! Fô! Fô! Fô! – esse vai sair bão [na filmagem]! É sinal de frio demais! [gargalhada] É frio!!! Bota as coberta, *provenia* as coberta! Esse vai sair feio pra diabo agora! Agora num vou fazer mais não, senão vocês vão levar muita feiúra na hora que sair isso lá.”

“A sariema é assim, ela tem duas temperatura. Quando chove, abre o sol, ela canta; pegou chover, ela fecha a música, ela não quer cantar mais. Ela tranca a música. Abriu sol, ela apruma no alto – tró, tró, tró, tró, tró, tró! Água caiu, ela fecha o microfone dela.”

Nas narrativas e interpretações de seu Neco, os bichos anunciam o mundo, o tempo e suas transformações. De modo profético, os sinais dos bichos produzem as mudanças de estação, e não o contrário. É o canto ou silêncio dos pássaros, a aparição ou o sumiço dos sapos que anuncia a primeira chuva, ou que derradeira já caiu e o tempo da seca vai começar. Assim, nosso anfitrião revelava um modo de representar a natureza em profusão, que se antecipa, inexoravelmente, à cultura, deixando seus traços sensíveis para os competentes intérpretes do sertão como ele. No universo sertanejo, os bichos, por seu complexo sistema de dons e presságios, revestem-se de “valor ritual”,²⁴ portadores de encantamentos e tabus, trazendo bons sinais ou dias aziagos.

Podemos pensar então em um *perspectivismo sertanejo*, estendendo ao universo rural o conceito utilizado por Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima para a compreensão da “alma animal” nas sociedades indígenas, com suas intrincadas simetrias.²⁵ Segundo Viveiros de Castro, *perspectivismo* é “a concepção comum a muitos povos ameríndios do continente, segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos e pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos”.²⁶

Na cosmologia sertaneja, os bichos também participam do mundo de forma ativa, interferindo em seu curso e anunciando prognósticos aos quatro cantos com suas aparições, vozes e movimentos. Cabe ao homem sertanejo desenvolver, face a essas agências e potencialidades sobrenaturais, uma refinada percepção para ler o *profetamento* dos bichos, portadores intuitivos de uma sabedoria de inspiração divina. O “doutor do sertão”, como seu Neco mesmo se define, acumulou experiências ao longo de uma vida em meio ao cerrado, onde desenvolveu a capacidade de ler esses sinais.

²⁴ RADCLIFFE-BROWN, 1973:174-175.

²⁵ LIMA, 1996:34.

²⁶ VIVEIROS DE CASTRO, 1996:115.

A palavra *profetamento*, usada pelo goiano para definir a qualidade dos bichos de prenunciar mudanças e predizer acontecimentos, deriva do verbo *profetar*, forma arcaica de *profetizar*, referida em nossa língua, segundo o *Índice do*

Vocabulário do Português Medieval, desde o século XIII.²⁷ No latim, em sentido figurado, *profectio* quer dizer “ponto de partida, fonte, origem”.²⁸ *Profecia* vem do grego *pro-pheteía* “predição, profecia, dom da profecia”, que no Novo Testamento representa a “explicação dos livros sagrados pela inspiração do Espírito Santo”. Deriva do radical *pro*, “antes”, e do verbo *phemí*, “dizer, manifestar, anunciar, contar”. Em grego, *prophétes* é mais do que profeta; significa “intérprete dos deuses, que explica, que manifesta os oráculos”.²⁹

Nesse sentido, é a própria encarnação da realidade, de um mundo visível que só ele é capaz de ver. Ou seja, o profeta é “aquele que faz acontecer”. Como fazia o cego Tirésias, o maior profeta entre os gregos, que anteviu e revelou a Édipo seu trágico destino. Uma vez cego, foi agraciado por Atena, “que purificou-lhe os ouvidos e ele adquiriu o maravilhoso dom de compreender a linguagem dos pássaros”.³⁰

Na antigüidade clássica, os *augúrios* eram formas de adivinhação que os *áugures*, sacerdotes romanos, faziam a partir do canto, da formação do bando, da direção e do vôo das aves, que manifestavam livremente as vontades divinas, sem, no entanto, responder de modo dirigido às questões sobre o futuro, como numa consulta oracular.³¹ A partir da leitura de *augúrios*, palavra que deu origem ao verbo *inaugurar*,³² proclamavam-se lugares sagrados para a construção de cidades e templos devotados aos deuses, com influências decisivas também nas aberturas de comércio e nas estratégias de guerra.

O *profetamento* dos bichos, e das aves em particular, atenta para suas características marcantes, como padrões de cores, movimentos, sonoridades e hábitos temporais e espaciais bem demarcados, entre o dia e a noite, a secura e a umidade. Na conjugação dos bandos em vôo, são feitas leituras de suas formas no céu, do número de aves reunidas, dos tempos de ocorrência, do pouso ou do rumo que estabelecem, indicando momentos, lugares e direções dos acontecimentos. Mas é, sobretudo, no canto das aves, vocalizando perguntas, afirmações, desejos e impropérios que muitas vezes lhes dão seus nomes, que o sertanejo observa o audível sobre o visível: “é dizendo e o bacurau escrevendo”.

Os bichos encantados que povoam o universo de seu Neco também aparecem encadeados em versos: “O senhor me dá licença/ De cantar meu jogo agora/ O um é o avestruz/ Ave de Nossa Senhora/ O dois é a águia/ Bateu asa e foi embora/ O três é o burro/ Dá um coice sem demora/ O quatro é a borboleta/ Sentadinha num *gaião* de amora/ O cinco é o cachorro/ Late do lado de fora/ O seis é a cabra/ Dá o leite pra quem chora/ O sete é o carneiro/ Dá a lã para a senhora”... Talvez para não perder o encanto, encerrou o jogo pela metade, alegando garganta ruim e guardando o segredo dos bichos para ele só.³³

²⁷ HOUAISS & VILLAR, 2001:2305-2306.

²⁸ FARIA, 1962:802.

²⁹ PEREIRA, 1984: 501;609.

³⁰ GUIMARÃES, 1991: 300.

³¹ BEARD, NORTH & PRICE, 1998.

³² Segundo o Dicionário Houaiss, *inaugurare* em latim significa “tomar agouro, consultar por certo meio a vontade dos deuses; adivinhar, pre-dizer; consagrar oficialmente a nomeação de alguém para um colégio sacerdotal; consagrar, dedicar, inaugurar um lugar”.

³³ Uma versão semelhante e mais completa foi registrada no jornal *A Gazeta*, em 1958, com o título de *Moda da Bicharola*, declamada por Clemério Jardim no município paulista de Cajuru, próximo a Ribeirão Preto. Encontra-se disponível na internet, no portal *Jangada Brasil*.

O jogo do bicho de seu Neco está nas formas lúdicas da linguagem e do simbolismo, que Elena Soárez e Roberto da Matta vêem como sua dimensão totêmica, enquanto o complexo sistema de aposta é associado ao sacrifício.³⁴ Diferente dos animais, os “bichos” têm alma, são “dotados de vontade própria, que habitam uma porção intersticial da realidade. [Seu mundo] é uma selva, sertão ou ‘natureza’ que existe e não existe no tempo e nos espaços empíricos e que estabelece com os seres humanos elos repletos de motivações e presságios”.³⁵

Por diferentes sertões, do cerrado à caatinga, o homem canta os bichos e seus presságios. Nas músicas de Luiz Gonzaga, o vôo da asa branca e o canto agourento a acauã *profetam* o tempo da seca; da gaiola o assum preto *profetou* sua tristeza mais íntima e ao sabiá ele pergunta, invoca por seu amor.³⁶ O maranhense João do Vale também adverte em sua música: “A ema gemeu no tronco do juremá/ Foi um sinal bem triste, morena, fiquei a imaginar/ Será que é o nosso amor, morena, que vai se acabar?/ Você bem sabe que a ema quando canta vem trazendo no seu canto um bocado de azar!”

No baião *Ouricuri (Segredos do Sertanejo)*, o compositor anuncia seus *profetamentos*: “Catingueira fulora, vai chover/ Andorinha voou, vai ter verão/ Gavião se cantar é estiada/ Vai haver boa safra no sertão/ Se o galo cantar fora de hora/ É mulher dando fora, pode crer/ Acauã se cantar perto de casa/ É agouro, é alguém que vai morrer/ São segredos que o sertanejo sabe/ E não teve o prazer de aprender ler”.³⁷

Por vezes, o canto dos pássaros atormenta, levando o homem a fugir de sua bisbilhotice impertinente, a temer o urubu e o anu-preto, a afugentar corujas soturnas do telhado das casas e, junto com ela, os maus pressentimentos.³⁸ Como conta Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*: “Quando o dia quebrava as barras, eu escutava outros pássaros. Tiriri, graúna, a faiscadeira, juriti-do-peito-branco ou a pomba-vermelha-do-mato-virgem. Mas mais o bem-te-vi. Atrás e adiante de mim, por toda a parte, parecia que era um bem-te-vi só. – ‘Gente! Não se acha até que ele é sempre um, em mesmo?’ (...) E permaneci duvidando que seria – que era um bem-te-vi, exato, perseguindo minha vida em vez, me acusando de más-horas que eu ainda não tinha procedido. Até hoje é assim...”.³⁹

Esses inquietantes “segredos” levaram Euclides da Cunha a escrever, com todo seu requinte, sobre as aves que povoam a imaginação dos profetas sertanejos: “E o sertão é um paraíso... Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: (...) correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de sob as asas, as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balsedos

³⁴ SOÁREZ & DA MATTA, 1999:105-106.

³⁵ *Id.*, *ibid.*:43.

³⁶ *Asa Branca, A Volta da Asa Branca e Assum Preto*, músicas de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira; *Acauã e Sabiá*, músicas de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, com numerosas regravações.

³⁷ *O Canto da Ema*, música de Alventino Cavalcante, Ayres Viana e João do Vale, registrada por João do Vale, Jackson do Pandeiro e Gilberto Gil. *Ouricuri (Segredo do Sertanejo)*, música de João do Vale e José Candido, gravada por Clara Nunes em duo com João do Vale.

³⁸ Nas várzeas amazônicas, um “bicho visagento”, categoria registrada por Eduardo Galvão (1976:64-81) para os seres reais ou imaginários que inspiram medo nas pessoas, é uma grande coruja chamada *murucututu*, tema de assombrosa canção-de-ninar composta por Waldemar Henrique.

³⁹ ROSA, 1986:23.

(...). Animam-se os ares, numa palpação de asas, céleres, ruflando. – Sulcam-nos notas de clarins estranhos. Num tumultuar de desencontrados vôos passam, em bandos, as pombas brancas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes... enquanto feliz, deslembado de mágoas, segue o campeiro pelos *arrastadores*, tangendo a boiada farta, e entoando a cantiga predileta...”⁴⁰

Assim, tanto na canção quanto na literatura, se registra o *profetamento* dos bichos, baseado no saber naturalístico e nas classificações nativas das espécies, fonte da enorme variedade de táxons e de nomes populares. Da ficção para a literatura científica, grandes ornitólogos do Brasil como Eurico Santos, Helmut Sick e Johan Dalgas Frisch também atentaram para esse conhecimento rústico,⁴¹ recolhendo mitos, lendas e narrativas orais sobre os pássaros e, ao mesmo tempo, desenvolvendo metodologias para o registro sonoro e escrito de suas formas de vocalização.

O folclorista Luís da Camara Cascudo dedicou ao tema um artigo, no qual procurou mapear, bem ao seu modo, toda a “vastidão supersticiosa” que recai sobre as aves no Brasil: a galinha choca que faz desandar os negócios; o beija-flor que indica chegada de visita e o nível social do visitante conforme a beleza de suas penas; o bando de pombas que cresce quando o proprietário empobrece e diminui quando ele enriquece; a rolinha *fogo-apagou* chamando tristeza e desgraça; o assombroso canto noturno em forma de gargalhada do urutau *mãe-da-lua*.

Sobre as aves agourentas, portadoras de aflições e anunciantes de infortúnios, o autor registrou: “O sertanejo diz que *não é bom* avistarmos o urubu trepado na cumeeira da casa, asas abertas, secando ao sol. A espingarda que atira em urubu fica imprestável. O cano escorre água e a mira entorta de vez. (...) Há uma família inteira que não merece relações de amizade. Todas as corujas são da intimidade da morte e se dão ao desaforo de vir ‘rasgar mortalha’ quando o defunto ainda está vivo ou piar-lhe à porta numa cantiga que é um arrepio sinistro”.⁴²

O antropólogo Robert Hertz recolheu interpretações e expressões camponesas sobre o canto e o vôo dos pássaros e o movimento preciso dos bichos rastejantes, em trabalho de campo realizado entre os soldados franceses em Mayenne, na região do vale do Loire. Convocado pelo exército durante a Primeira Guerra Mundial, esse discípulo de Durkheim recolheu numerosas sentenças verbais usadas para imitar o canto dos pássaros, vocalizando ora expressões jocosas, ora mudanças das estações e da ordem natural das coisas: “Os corvos, quando vêm empoleirar-se sobre as árvores à entrada das casas, gritam: *J’l’attends! J’l’attends!* (Eu te espero! Eu te espero!) e isso anunciam a morte de um doente ou de uma pessoa qualquer”.⁴³

⁴⁰ CUNHA, 1996:33.

⁴¹ SANTOS, 1979; SICK, 1997; FRISCH & FRISCH, 2005.

⁴² CASCUDO, 1960.

⁴³ HERTZ, 1970:147.

Hertz deixou seu trabalho incompleto, sob a forma de anotações de campo enviadas para sua esposa. Durante a campanha de 1915, foi fatalmente atingido pelos alemães no *front* de combate. Seus textos foram reunidos em uma edição póstuma, com prefácio e biografia escritos por Marcel Mauss. Em carta redigida pouco menos de um mês antes de morrer, o autor escreveu: “Toda essa linguagem vem dos velhos; é uma ciência tradicional que infelizmente não se transmite mais. A criança (e o adulto) se exercitava para reconhecer e reproduzir o ritmo e o tom dos cantos de diferentes pássaros, ligados a um elemento instrutivo ou cômico, raramente moral. (...) É um jogo de reconhecimento que certamente desenvolve a habilidade de perceber e discernir os sons. Sinto isso pelo progresso que eu mesmo tive. Interessante comparar as diversas palavras, atribuídas de acordo com os lugares, para o mesmo pássaro; reencontram-se constantemente o mesmo ritmo, o mesmo som, os mesmos elementos fundamentais. Além disso, seria curioso investigar como o espírito popular se empenha em acrescentar um sentido a esses sons múltiplos. Uma vez mais, o que me toca é a seriedade ou meio-seriedade de tudo isso: havia bem um tempo em que os avós iniciavam seus netos e os fazia compreender o canto de pássaros”.

Nas ondas do rádio

Além do mundo incansável dos bichos, o rádio constantemente ligado na casa de seu Neco era, por vezes, semelhante à sua fala contínua por longas horas, desenvolvendo, um a um, os assuntos preferidos, os temas de sua vida. Sentado num banco em sua *tapera*, ao lado do providencial rádio de pilha, nos disse: “o rádio é um companheiro, ele *civiliza* ocê! Ele é um professor”.

Seu Neco gostava de ouvir os *caipiras* que apresentam de manhã na *Rádio Pousada*, em Caldas Novas, mas não se limitava a esse universo que era o seu. Gostava da diversidade de sintonias e de informar-se do que acontecia no Brasil e no mundo pela CBN: “o mundo inteiro cabe ali dentro, tudo quanto é desastre, *trambuco* de família, *perca* de moça... Essa rádio deixa a gente ciente de tudo quanto é situação. Por isso que, quando eu vou no promotor, cê num erra no conversar”.⁴⁴

A frase já mudava o rumo da prosa para outro tema constante, o casamento e sua antítese, a separação, para narrar os episódios nunca esquecidos de seu divórcio em 1974, com um impressionante recurso narrativo de atualizar o passado e tamanha riqueza de detalhes que nos fazia rever, como se fosse um episódio ocorrido na véspera, as cenas, os diálogos, o ambiente do tribunal, as últimas palavras trocadas com a mulher. Desdobrava

⁴⁴ O impacto da chegada do rádio no sertão é tema também de um *causo* bem-humorado contado por outro caipira brilhante, o Geraldinho, gravado no disco *Trova, Prosa e Viola vol. 2* (Anhangüera Discos, 2003), registro ao vivo do espetáculo produzido por Hamilton Carneiro.

documentos rasgados como provas materiais do que dizia, sem, no entanto, poder decifrar quase nada de sua escrita já quase inteiramente apagada.

No meio disso tudo, novamente seu Neco nos surpreende com suas inquietações: “você acredita na ressurreição da carne? Que no número 4568, em São Paulo, tão ressuscitando gente morta de quatro dias? O senhor acredita? Já ouviram dizer? Vocês acham que a medicina médica vai acabar ou ficar pequena? Porque o médico dos médicos é Jesus, e está curando até caroço canceroso.” De repente, a conversa agora sintonizava com as doutrinas evangélicas e uma série de questões teológicas formuladas a partir dos cultos que ele que ouvia, nas tardes de sábado, da *Igreja Pentecostal Deus É Amor*. Fundada e liderada pelo Missionário Davi Miranda, essa confissão religiosa divulga suas promessas de transformação radical nas mais variadas frequências, em aproximadamente 8.000 rádios retransmissoras por todo o Brasil e templos espalhados pelo mundo afora.⁴⁵

Neco, senhor da razão, continuava sua desconcertante sabatina sem respostas: “por que é que a matéria é atrevida? O senhor sabe? A senhora sabe?...” Silêncio atento, e só então respondia, no tom grave de um verdadeiro arauto do Levítico, em formulações difíceis e altamente reflexivas: “É o irmão desejar a irmã, o cunhado desejar a cunhada, o filho citar a mãe numa situação pública... É o desejo da matéria, então a matéria é atrevida. O amor tem que ser espiritual, se for material não serve”.

Embora, do ponto de vista teológico, compreendesse perfeitamente bem a doutrina pentecostal e sua moralidade, seu Neco, quando perguntado sobre sua fé, negava seu pertencimento à ética protestante: “eu não sou crente, porque ser crente é muito difícil. Orar é muito fácil, difícil é ocê vigiar. Uma vez eu disse: ‘Se eu arrepender, sou perdoado e entro no meio docês’. Agora, se não arrepender, a pessoa leva muita sujeira.” E encerrou sua sofisticada exegese: “não é que a matéria é mais; mas, pela minha arte, a sua matéria é mais; eu sou oprimido para com Deus”.

O começo do fim

Nas interrogações existenciais de seu Neco, pude compreender um dito de Riobaldo, que o “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar”.⁴⁶ Somente após longo caminho percorrido, pude antever o fechamento de um ciclo e me dedicar à densidade narrativa e simbólica das histórias de seu Neco, em um encontro ritual de aproximação entre Goiás e a antropologia tão cheio de significados para o pesquisador.

⁴⁵ Agradeço a Cleinton Gael, estudante de Ciências Sociais (IH-UCAM) e de seminário batista, pelos precisos comentários sobre as interpretações religiosas de seu Neco.

⁴⁶ ROSA, 1986:17.

Rever minhas primeiras viagens etnográficas foi não só encarar as limitações de quem vivencia um rito de passagem pela primeira vez, sem conhecer seus reais significados, mas também sair novamente em busca, agora no plano narrativo, da circularidade do sertão – um retorno ao princípio, assim como giram as folhas, os dias se repetem e os bichos proféticos reaparecem. E, finalmente, descobrir, diante dos quadros da experiência, que “a Antropologia é um mecanismo dos mais importantes para deslocar nossa subjetividade”,⁴⁷ fazendo com que vivências em campo, mesmo passados 10 anos, possam continuar persistentes na memória, gerando frustração se não forem devidamente tomadas como objeto de narrativa etnográfica e de reflexão teórica sob a forma de um texto escrito e acabado.

Uma vez convertido ao olhar e à análise antropológica, continuei me dedicando à etnografia em Goiás, porém das festas religiosas – o outro lado da fé –, analisando as dimensões rituais, simbólicas e sociais da folia do Divino de Pirenópolis.⁴⁸ Meu colega André também prossegue realizando outras pesquisas em Goiás, como professor de Fotojornalismo e consultor de projeto sobre o *patrimônio imaterial* da região do Entorno do Distrito Federal.

Revisto o caminho depois de percorrido, vale encerrar com uma provocativa indagação de Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*: “Como o etnógrafo pode escapar da contradição que resulta das circunstâncias de sua escolha? Tem diante dos olhos, tem à sua disposição uma sociedade: a sua; por que resolve menosprezá-la e reservar a outras sociedades – escolhidas dentre as mais longínquas e as mais diferentes – uma paciência e uma dedicação que sua determinação recusa aos compatriotas?”⁴⁹

⁴⁷ DA MATTA, 1978:35

⁴⁸ VEIGA, 2005.

⁴⁹ LÉVI-STRAUSS, 1999:362.

Key-words:
prophetess of the
animals, nature and
culture, countryside.

ABSTRACT: The work launches reflections on the directions of a research, accomplished exactly 10 years in the northeastern and southeastern regions of Goiás. Initially journalistic and photographic, ruled by romanticized representations of the “daily man from the Goiano countryside”, which did not come true during the trips, the field work experience gradually distanced us from the search for the idealized image as well as from the journalists’ remarkably factual interest, resulting in the discovery of the ethnographic glance and the anthropological ways of thinking and doing science. When trying to understand the symbolic universe of a Goiano farmer, their existential questions and their ways of representing the abundant nature, we came across the fantastic and poetic properties of what Neco Mendonça, our solitary speaker, called “prophetess of the animals”, in which the alive beings announce the world, the time and their transformations. Only now, after the long traveled road, the theme is reviewed and analyzed, in the dialogic relationship between nature and culture that feeds the “countryside” idea, always placed beyond. The researcher’s own conversion, initially motivated by the search for his cultural origins, also becomes an object of (self)reflection here.

REFERÊNCIAS

BERTRAN, Paulo. **História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador.** Brasília: Solo Editores, 1994. 270 p.

_____ (Org., Ed.). **Notícia Geral da Capitania de Goiás.** Vol. 1. Goiânia: Ed.UFG; Ed.UCG; Brasília: Solo Editores, 1996. 260 p.

BEARD, Mary; NORTH, John & PRICE, Simon. **Religions of Rome.** Vol. 1: *A History.* Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 478 p.

BRUNER, Edward M. Experience and its expressions. In: TURNER, Victor W. & BRUNER, Edward M (Orgs.). **The Anthropology of Experience.** Urbana; Chicago: The University of Illinois Press, 1986, pp. 3-30.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e imagem.** Bauru: EDUSC, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito: Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida.** São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001. 376 p. (Coleção Espírito Crítico)

CASCUDO, Luis da Câmara. Aves e Pássaros no Folclore Brasileiro. In: **Revista do Livro**, n.º.19, ano 5, set.1960.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás: Da construção da decadência aos limites da modernidade.** Goiânia: Ed. UFG; Ed. UCG, 1997. 245 p.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: (Campanha de Canudos).** 18ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. 297 p. (Coleção Prestígio)

DA MATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou Como Ter “Antropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A Aventura Sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978, pp. 23-35.

FRISCH, Johan Dalgas & FRISCH, Christian Dalgas. **Aves Brasileiras e Plantas que as Atraem.** 3ª. ed. São Paulo: Dalgas Ecoltec, 2005. 480 p.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas.** 2ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1976. 153 p. (Brasiliana, vol.284)

GURAN, Milton. **Linguagem Fotografia e Informação**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. 120 p.

HERTZ, Robert. Contes et Dictions Recueillis sur le Front Parmi les Poilus de la Mayenne et d'Ailleurs (Campagne de 1915). 2ª. ed. In: **Sociologie Religieuse et Folklore**. Paris: PUF, 1970. 208 p. (Col. Bibliothèque de Sociologie Contemporaine)

LEONARDI, Victor. **Entre Árvores e Esquecimentos: História social nos sertões do Brasil**. Brasília: Ed. UnB; Paralelo 15, 1996. 431 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 400 p.

LIMA, Tânia Stolze. O Dois e Seu Múltiplo: Reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi. In: **Mana: Estudos de Antropologia Social**, vol. 2, nº. 2, out.1996, pp. 21-47.

MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. **Gente das Areias: História, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro. Maricá, RJ – 1975 a 1995**. Niterói: Ed.UFF, 2004. 419 p.

MERTON, Robert K. **Sociologia: Teoria e estrutura**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1968. 758 p.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira: Da roça ao rodeio**. São Paulo, Editora 34, 1999. 434 p.

FERREIRA, Aroldo Márcio. Pires do Rio: A consolidação de uma cidade ferroviária. In: CHAUL, Nasr Fayad & DUARTE DA SILVA, Luís Sérgio (Orgs.). **As Cidades dos Sonhos: Desenvolvimento urbano em Goiás**. Goiânia: Ed. UFG, 2004. 254 p.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**. Petrópolis: Vozes, 1973.

ROMERO, Sílvio. **Realidades e Ilusões no Brasil: Parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios**. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado do Sergipe, 1979. 328 p. (Dimensões do Brasil, 14).

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 30ª. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1986. 538 p.

SANTOS, Eurico. **Da Ema ao Beija-Flor**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. 396 p. (Col. Zoologia Brasília, 4)

SENA, Custódia Selma. De sertões e sertanejos. In: CHAUL, Nasr Fayad (Coord.). **Goiás: 1722-2002**. Goiânia: AGEPEL; Mediale, 2002. 227 p.

SICK, Helmut. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 912 p.

SOÁREZ, Elena & DA MATTÁ, Roberto. **Águias, Burros e Borboletas: Um estudo antropológico do jogo do bicho**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 197 p.

TEIXEIRA, José A. **Folklore Goiano: Cancioneiro, lendas, superstições**. 3ª. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1979. 235 p. (Col. Brasiliana, 306)

VEIGA, Felipe Berocan. A Folia Continua: vida, morte e revelação na festa do Divino de Pirenópolis, Goiás. In: CARVALHO, Luciana (Org.). **Divino Toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005, pp. 83-94. (Série Encontros e Estudos, 9)

VEIGA, Felipe Berocan; CARVALHO, André Luís; MAEDA, Gisele & MOURA, Gabriela Goulart. **Raízes da Terra: O trabalho e as relações sociais no interior goiano**. Monografia de Curso de Comunicação. Brasília: FAC-UnB, 1997. 32 p. Mimeo.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio. In: **Mana: Estudos de Antropologia Social**, vol. 2, n.º. 2, out.1996, pp. 115-144.

DICIONÁRIOS

FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário Escolar Latino-Português**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: CNME/MEC, 1962. 1081 p.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da Mitologia Grega**. São Paulo: Cultrix, 1991. 318 p.

HOUAISS, Antonio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2925 p.